

Maria João Fernandes
Abril '89

Como poderemos então admirar-nos se estas peças tornam presente a natureza sem imitar e é essa a sua modernidade, mas transfigurando-a à medida de energias ocultas, de formas imaginadas pelo artista, ditadas pelo imprevisto, pelo poder oculto da matéria?

A natureza também cria, a criação na escultura de Paulo Neves é claramente partilhada, com uma humildade que não esconde a mestria técnica e a riqueza do seu imaginário. Assistimos a um ritual antigo, a um corpo a corpo com a matéria, a uma troca de poderes, de fluídos, de segredos até que a matéria é de novo habitada, se torna detentora de uma nova alma, de um ser, que é o ser das estátuas e o ser do mundo revisto pelo olhar do escultor.

Num friso de 86, feito a partir de uma velha pipa de vinho, figuras longilíneas, rostos que se erguem no seu próprio pedestal, quase sempre de olhos fechados, parecem emergir de um sonho, de um sono antigo. A vida de que nos falam é uma vida de antes da vida, uma vida de depois da vida, um nascimento anunciado. Esfíngicas, com a magestade dos totens e das esculturas primitivas, eles guardam silêncio sobre o seu conhecimento e sobre o seu mistério. Elas são do mundo, das árvores, dos objectos, lembram-se certamente do vermelho palpitante do vinho, da terra húmida, das raízes e do vento.

E ao mesmo tempo, debruçam-se sobre o desconhecido que existe além do mundo, além do visível.

Como guardar no cofre do rosto humano das árvores a sabedoria?

Como transformar em figura, em rosto, a matéria de um sonho, como sonhar a matéria do rosto do mundo? O escultor parece sabê-lo. As suas estátuas que não vimos nascer, falam-nos de um esforço árduo, do talhar, do polir e do pintar nos frisos policromados, fantasmáticos e assombrosos como sudários vivos.

Guardam os estigmas, as cicatrizes da matéria, mas do seu sonho ou do seu sono, levam-nos a perscrutar um horizonte adivinhado, que parece absolutamente novo, um horizonte de dentro, tão oculto como a vida no seu começo, mas cheio de promessas e desejos.

Paulo Neves reencontra com o primitivo, o maravilhoso no quotidiano.

E é esse encontro que hoje nos proporciona a sua escultura.